

A PROFESSORA GRACIETE BATALHA

*António Aresta**

Graciete Batalha insere-se na linhagem dos grandes professores que serviram no Liceu de Macau¹, (gente de cultura, de educação, com intervenções cívicas, obra publicada e uma enorme profissionalidade), uma tradição que remonta a Manuel da Silva Mendes, ele próprio professor no Liceu, pensador e intelectual com múltiplos interesses e grande co-leccionador de arte chinesa. Foram professores como esses que ajudaram a forjar uma poderosa identidade portuguesa em Macau, no contexto de um cadinho étnico multicultural, identidade essa cimentada numa velha amizade luso-chinesa, com cumplicidades, respeito, entendimento e tolerância que a sabedoria dos anos manteve e manterá como energia vital.

Graciete Batalha aporta a Macau² em Agosto de 1949. «Lembro-me de termos chegado meio mortos, meu marido e eu, ao aeroporto de Hong Kong, depois duma viagem de vários dias em aviões a hélice, com muitas avarias nos motores e paragens forçadas, além das previstas, e duma descida temerosa por entre as montanhas da cidade (...) Embarcamos finalmente no velho vapor *Tai Loy* e, encostados à amurada, contemplamos o casario e as montanhas, que pareciam afastar-se de nós. (...) O vaporzinho contornava lentamente a cidade, tão atraente vista do rio

* Professor e Investigador.

¹ Nomeadamente José Gomes da Silva, António Nascimento Leitão, Carlos Borges Delgado, José da Costa Nunes, Fernando Lara Reis, Túlio Lopes Tomás, Beatriz Basto da Silva, Ana Maria Amaro, Celina Veiga de Oliveira, Fernando Lima, Emilia Costa, Fernando Costa Andrade ou Luís Gonçalves. Numa perspectiva integrada das histórias de vida dos Professores, consulte-se, por exemplo, A. Nóvoa (org.), «Vidas de Professores», Porto Editora, 1992 ou Ivor Goodson and Andy Hargreaves (edts.), «Teacher's Professional Lives», Falmer Press, London, 1996.

² O Governador era Albano Rodrigues de Oliveira, o Bispo D. João de Deus Ramalho e o Leal Senado era presidido por Jorge Grave Leite. O Reitor do Liceu era o Dr. Alberto Garcia da Silva.

(aqui chamado mar pela largueza do estuário) e dirigia-se ao Porto Interior. Pela marginal, com suas bonitas vivendas ajardinadas, passava a espaços um automovelzinho vagaroso, em ar de passeio. (...) Acabados os cumprimentos, a família inteira meteu-se nos seus carros e veio para a casa de meus Sogros tomar o infalível chá. Aí, comecei a ver as coisas à roda. As conversas eram principalmente em português, a língua da família, mas intercaladas de palavras chinesas, que eu não entendia, e inglesas idem, porque o meu pobre inglês era o do liceu, dos tempos em que as aulas de línguas estrangeiras eram dadas em português³. Foi, nestes termos, consumado o contacto inesperado com o multiculturalismo⁴, uma realidade de difícil gestão cognitiva e de planeamento organizacional. De resto, eram tempos difíceis esses, varridos pelo vento da história, onde avultam dois factos absolutamente essenciais, o ocaso da segunda guerra mundial, a guerra do Pacífico, e a fundação da República Popular da China. E Macau, como é sabido, viveu a um ritmo frenético esse turbilhão de acontecimentos, acolhendo e dando guarida a centenas de milhar de refugiados, fazendo das fraquezas forças em nome de um humanismo e de um humanitarismo que nunca é de mais recordar e realçar⁵.

Uma jovem portuguesa recém-casada, também recém-formada em Filologia Clássica, que imagens culturais e históricas teria do extremo oriente, da China e de Macau? Para além das desventuras de Camões e Bocage, do trajecto existencial de Wenceslau de Moraes, da sensibilidade poética de Camilo Pessanha, e provavelmente notícias da morte inesperada, a caminho de Pequim, em 1930, do diplomata, poeta e dramaturgo António Patrício, para não falar de uma vagas e imprecisas noções de história, convenhamos que Macau estaria muito arredada dos interesses nucleares de toda a problemática ultramarina, escasseando a informação e as notícias. A China, bom, a «China, esse pais lendário onde me trouxe o amor. Só ele, na verdade, poderia trazer para tão longe uma portuguesinha como eu, sem espírito e sem fome de patacas. (...) Se

³ Graciete Batalha, *Bom Dia, S'Tora!*, Ed. Instituto Cultural de Macau, 1991, pp. 129-132

⁴ OECD\OCDE, «The Education of Minority Groups. An Enquiry into Problems and Practices of Fifteen Countries», Gower, 1983.

⁵ Numa perspectiva complementar, vejam-se «Eu Estive em Macau Durante a Guerra», de António Andrade e Silva, co-edição do Instituto Cultural de Macau e Museu\Centro de Estudos Marítimos de Macau, 1991 e, também, Ferreira de Castro, «Macau e a China», edição bilíngue (português-chinês) da Câmara Municipal das Ilhas, 1998.

tivesse, por exemplo, feito cópias das muitas cartas que escrevi para a família e amigas nesses primeiros anos de Macau, teria hoje um bom documento de como uma moça que só conhecia do Oriente os romances de Pearl Buck e Pierre Loti, se viu subitamente confrontada com uma realidade bem diferente⁶». Uns anos antes, uma Professora⁷, com rara sensibilidade, desvendava um estado de alma já possuído por uma alquimia oriental:

*Ab! Se eu pudesse, como outrora, ao luar,
Por esses lagos nos jardins dispersos,
Ir as folhas de lótus apanhar Para sobre
elas escrever meus versos,*

*Essas folhas de estranha singeleza
Dariam à poesia outro valor,
E eu realizava um sonho de beleza:
Um livro cheio de perfume e cor.*

O orientalismo de cunho essencialmente literário cedeu o lugar à estranheza de algumas manifestações culturais tidas por exóticas «quando cheguei a Macau, e por largos anos, tudo quanto se ouvia aqui eram as canções *das pipa-tchai* que abrilhantavam os jantares chineses de circunstância com suas vozes fanhosas e guturais e às quais eu pagaria para se manterem silenciosas... Ou o chamado em Macau *tchá-pom tchá-pom*, música das bandas chinesas ou música de fundo do *auto-china* (ópera chinesa) em que predomina o estrondo dos instrumentos de percussão⁸». A organização escolar chinesa merece-lhe igualmente um registo cuidadoso porque os contrastes eram por demais evidentes: «o número de escolas chinesas é elevadíssimo em Macau, desde as infantis às secundárias e de ensino médio, e a população escolar é imensa. Às oito da manhã e pelas onze e trinta, hora do almoço (o horário das escolas chinesas não coincide geralmente com o das nossas), é por todas as ruas um formigar de estudantes chineses, com o seu característico trajo de calça ou saia de ganga

⁶ Graciete Batalha, *Bom Dia, S'Tora!*, Ed. Instituto Cultural de Macau, 1991, p. 142

⁷ Maria Anna Acciaioli Tamagnini (1900-1933), esposa do Governador de Macau Artur Tamagnim Barbosa, autora de *Lm Tchi Fá/Flor de Lótus* (1925), 2.^a edição, Instituto Cultural de Macau, 1991, pp. 15-16.

⁸ Idem, *op. cit.*, p. 289.

azul e camisa ou blusa branca, suas malas ou cestinhos de rota na mão. Dir-se-ia que, para estas crianças, deve ser mais difícil aprender os complicados e numerosos caracteres da sua escrita do que, para as ocidentais, o alfabeto, comparativamente tão simples. Mas não nos consta que tal aconteça. E quem passa, à tarde, pelos bairros pobres, vê crianças bem pequeninas fazendo a sua caligrafia na rua, sentadas em banquinhos junto de cadeiras que servem de mesa, desenhando letras a pincel com mão que nos parece espantosamente hábil⁹». O conhecimento do Oriente em geral e de Macau em particular foi sendo construído, paulatinamente, pela via afectiva que mais tarde cederia lugar a um conhecimento edificado com a vivência, a leitura, as viagens, a reflexão e a investigação.

A procura do primeiro emprego levou-a a conhecer os meandros da velha Administração Pública de Macau. Não existia vaga no seu grupo de docência no Liceu, facto desanimador para quem acabava de chegar. O próprio sistema de ensino português de Macau tinha sido alvo de alguns reajustamentos¹⁰ para dar resposta às exigências da sociedade desse tempo. E de um modo inesperado surgiu-lhe uma alternativa, justamente num grau de ensino para o qual não estava minimamente preparada, o Ensino Primário.

Cumpridas as formalidades administrativas e o juramento da praxe do funcionalismo, o Intendente confere-lhe a posse como Professora do Ensino Primário dos quadros do Ministério do Ultramar. Faltava, então, conhecer a Escola e a turma que lhe estava destinada. Sigamos as memórias¹¹: «Desembocamos na Av. Almeida Ribeiro, mesmo em frente da paragem do autocarro, viramos à direita, metemos pela atravancada Rua do Campo, mais uma vez à direita para a Sidónio Pais, e entramos com carro e tudo pelo vasto pátio das Escolas Primárias Oficiais *Pedro No/asco da Silva*. O edifício, uma construção única dividida em duas secções distintas, masculina e feminina, impressionou-me agradavelmente. Era amplo, ainda novo, com grandes janelas. Habituada ao triste aspecto da velha Escola Primária de Coimbra, à Estação Nova, onde minha irmã fez o seu estágio de Professora (essa irmã que tanto me orientou, mesmo

⁹ Idem, *op. at.*, p. 302.

¹⁰ O novo Estatuto do Ensino Liceal (*Boletim Oficial* de Macau, n.º 13, de 31.03.1949) e a Reforma do Ensino Primário, Infantil e Luso-Chinês (*Boletim Oficial* de Macau, n.º 38, de 17.09.1949).

¹¹ *Bom Dia, S'Tora!*, pp. 71-73.

longe, antes de ir formar-se em Matemáticas) parecia-me esta de um luxo insólito! E foi de coração leve que cruzei a porta da Secção Masculina, onde ia começar as minhas actividades. (...)». O Director «era *filho da terra*, licenciado em Românicas, mas leccionando também no ensino primário por falta de vaga no secundário, como eu. Era o que se chamava azar. Com tanta falta de professores em Macau, só nos nossos grupos havia excesso. Viemos a ficar bons amigos e assim continuamos, quando passamos ambos para o Liceu¹²». E o primeiro impacto com a turma? «Do que foi esse meu primeiro dia de aulas, depois que o colega me deixou sozinha com os garotos, já não me lembro bem. Creio que comecei por fazê-los ler, fazer um ditadinho, umas contas. Fui para casa aterrada. Eu não conhecia ainda a fala das crianças de Macau. A leitura péssima, a minha pronúncia de *ngau sôk* (metropolitana) mal a entendiam, habituados que estavam a professoras macaenses com seu sotaque próprio. Os erros no ditado, talvez por causa disso mesmo, eram aos vinte e trinta. Nas contas é que eram *barras*, talvez mais barras do que a professora letrada¹³». Esse primeiro ano¹⁴ «foi difícil. Era uma segunda classe apenas, mas os garotos eram matulões, quase todos repetentes, bi-repetentes e tri-repetentes, cheios de manhas. Eu não tinha experiência e, como todos os professores inexperientes, tinha medo, medo de não conseguir manter a disciplina. Era rígida e autoritária e, por isso mesmo, tinha constantemente conflitos com os mais velhos e malandrotos. Depois comecei a ser mais indulgente, a disciplina veio por si mesma, mantendo-os em actividade constante — que recursos de imaginação um professor primário precisa de ter! — e deixei de ter problemas nas aulas». Em 1950¹⁵, «um ano depois de começar a ensinar, publiquei na imprensa local o meu primeiro artigo. Intitulava-se a *Linguagem das Crianças de Macau*, era um apelo aos pais de língua portuguesa para que falassem português com seus filhos desde a primeira infância, sem embargo de que a mãe chinesa, quando o era, falasse com eles na sua língua. E bem sabido que as crianças podem começar a falar em duas ou mais línguas ao mesmo tempo».

¹² Idem, *op. tit.*, p. 72.

¹³ Idem, *op. cit.*, p. 73.

¹⁴ Idem, *op. cit.*, p. 74.

¹⁵ Problemas da Transmissão da Língua Portuguesa, in *1.º Encontro Sobre o Ensino do Português em Macau*, Edição da Direcção dos Serviços de Educação, Macau, 1987, p. 72.

Nasceu, assim, a investigadora e a pedagoga em função dos problemas inesperadamente reais com os quais conviveu no decurso da sua carreira docente. Procurou não só superar as adversidades educacionais (recorde-se que estava preparada para leccionar Latim e Língua e Literatura Portuguesas a adolescentes) emergentes de um multiculturalismo, mas também consolidar a problematização de uma visão de educação e a respectiva ensinabilidade.

Foi uma perspectiva assumida com clareza e com coragem, comportando os riscos inerentes a todas as transgressões. Ao tempo, a organização educacional de Macau era virtualmente inexistente. Um intendente que chefiava a administração civil zelava pelas normas e directivas burocráticas emanadas do Ministério do Ultramar, com aplicação generalista a todos os territórios ultramarinos. Vê-se com nitidez quão secundária era a questão educativa no edifício da Administração Pública.

Graciete Batalha fugiu da apatia normativa para buscar a razão proposicional da sua acção educativa, procurando o seu caminho. Apostando na valência de uma pedagogia do interesse activo, de sabor pestaloziano¹⁶, tentou mobilizar os seus alunos para uma aprendizagem sustentada na motivação cultural e pessoal, fazendo convergir no acto educativo a afectividade, a sensibilidade, a psicologia e todos os outros aspectos lúdicos. Atente-se nesta observação: «O Albertino, na aula de redacção individual, fez resistência passiva, não escrevia, alinhavou à pressa meia dúzia de linhas já no fim da hora, quando lhe chamei à atenção. Hoje foi ao quadro e reagiu bem, esteve interessado. Já antes eu tinha notado que no quadro trabalhava bem, acordava. Será que gosta de se exhibir, ou que, sendo um tanto abandonado em casa, ao que parece, necessita da atenção do professor? Eu dar-lha-ia toda, se pudesse, ele é a ovelha tresmalhada que precisa ser encontrada pelo bom pastor. Mas, os outros? Posso eu dar a perceber aos outros que me preocupo mais com este? Quanta sabedoria deve ter um Professor!¹⁷»; ou, ainda, nesta outra, «prémios para os melhores alunos de Português? Nada. Aulas itinerantes em que os alunos possam ter mais assunto de conversa com o professor? Proibidas. Visitas de estudo para alargar ideias e vocabulário? Problema: não há horas, as tardes estão ocupadas em ginástica, formação moral,

¹⁶ Johann Heinrich Pestalozzi (1746-1827), pedagogo suíço.

¹⁷ *Bom Dia, S'Tora!*, idem, p. 62.

coisas da Mocidade Portuguesa; de manhã, no tempo da aula, não é permitido nem o tempo é suficiente.... Ora valha-nos Deus!¹⁸».

Aos constrangimentos institucionais que secavam as raízes desta pedagogia do interesse activo adicionavam-se as debilidades de uma formação pedagógica inicial e a inexistência de actualizações, em ordem a reciclar os saberes de ontem na modernidade. Nos confins ultramarinos era escassa ou nula a actualização científica e pedagógica dos professores.

Desde logo, a adopção da prática de modelos observados e interiorizados, à revelia de qualquer doutrinação pedagógica, «Bom, mas porquê tanta animação em aulas que deveriam ser fúnebres? Porque a minha grande professora Virgínia Gersão me ensinou, quando eu era ainda sua aluna, a torná-las alegres. Ela tinha um saquinho de pano com uma série de números — 1 a 30, por exemplo — em rodinhas de madeira. E quando fazia chamadas tirava os números à sorte. De modo que, se uma aluna era chamada num dia, nunca podia confiar em que não voltaria a sê-lo no próximo, se tivesse azar... Introduzi o método há muitos anos e o *meu famoso saquinho* tem sido conhecido por várias gerações de estudantes. (...) Tive, pois, de explicar ao Reitor o motivo por que estavam tão divertidos. Riu-se. Pode ser que o sistema seja anti-pedagógico, mas, enquanto eu ensinar, vou ser anti-pedagógica de vez em quando, que não vem daí mal ao mundo. Certo que a classificação destas chamadas nem sempre corresponde à ciência revelada no dia a dia. Não é, porém, a classificação o que aqui mais me interessa, é sempre fácil corrigi-la. O que me interessa é que estudem alguma coisa¹⁹». Os antigos alunos conservam na memória as qualidades da Professora Graciete Batalha. O arquitecto Carlos Marreiros²⁰ recorda que «era a Dra. Graciete Batalha famosa por ser ríspida — que não era — e famosa por ser boa professora. (...) Ela era realmente uma excelente professora e uma boa investigadora»; Fátima Santos Ferreira²¹, caracteriza-a com mais precisão, «muito rigorosa, mas digo-lhe que era, de facto, uma óptima professora e muito amiga dos alunos. Parecia, à primeira impressão, muito rígida e com um aspecto muito duro, mas ao mesmo tempo era muito acessível a cada um

¹⁸ Idem, *op. cit.*, p. 157.

¹⁹ Idem, *op. cit.*, pp. 180-181.

²⁰ Fernando Costa Andrade (org.), *Memórias e Testemunhos*, Ed. Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, p. 66, 1999.

²¹ Idem, *op. cit.*, p. 159.

de nós e convivia conosco. Dentro das aulas, parecia distante, um pouco assustadora, mas depois, fora, mudava por completo. Eu acho que todos os alunos gostavam dela e era realmente uma professora que se envolvia conosco nas actividades extra-curriculares. Ela tinha de facto aquele dom de saber lidar com os alunos»; o Dr. José Manuel Rodrigues²² menciona outro aspecto, «Outra excelente professora que me marcou pelo gosto pela leitura e pela Literatura Portuguesa foi a Dra. Graciete Batalha. Estou mesmo em crer que foi ela quem mais contribuiu para a minha formação na juventude, antes de ingressar no ensino superior»; o Dr. Luiz Vizeu²³, actual Director dos Serviços de Educação e Juventude de Macau, assinala que «foi a Dra. Graciete Batalha quem mais me marcou, por ser exigente, metódica e com muita paciência. Devido à sua grande experiência ela detectava facilmente as dificuldades daqueles que não tinham o português como sua língua materna». E os exemplos poderiam repetir-se, que os há e escritos. Os alunos, contudo, demonstram saber separar, com nitidez, as valências emotivas e empáticas da sua personalidade, do desempenho das suas funções de Professora e investigadora.

A necessidade de se actualizar também foi uma das suas preocupações, postulando conceitos inovadores, tendo em consideração a especificidade do meio onde actuava: «Quando vou a Portugal, procuro conversar com professoras actualizadas, competentes, mas... excepto para as aulas já de Literatura, não me têm adiantado muito essas conversas. Ensinar Português em Portugal é uma coisa, ensinar Português em Macau é outra muito diferente. Em todo o caso, turmas com o mesmo género de deficiências não me seriam muito difíceis de manejar conhecendo eu, como conheço há tantos anos, os campos em que é preciso trabalhá-las mais: a flexão verbal, as concordâncias, o uso dos artigos, as formas de tratamento, tudo aquilo que é inteiramente diferente na Língua Chinesa que praticam desde a primeira infância. Porém, turmas com alunos Metropolitanos ou Macaenses que têm como língua materna o Português e portanto com dificuldades outras que não as apontadas (para os que vêm *de lá* o grande bico de obra são os erros de ortografia verdadeiramente de espantar) juntos com aqueles para quem o Português é Língua Estran-

²² Idem, *op. cit.*, p. 286.

²³ Idem, *op. cit.*, p. 365.

geira, essas é que me dão dores de cabeça. E ninguém tem, nem cá nem lá, uma receita para essas dores... E no entanto, o mesmo deve acontecer em todas as Províncias Ultramarinas, com alunos de língua materna nativa. Quem alguma vez se lembrou de dar preparação especial aos professores de Português do Ultramar?²⁴».

A investigação, para Graciete Batalha, foi sempre assumida como uma componente natural das suas tarefas docentes, porquanto teria um carácter regulador da pedagogia do interesse activo. O ensino e a investigação estavam irmanados, o que é natural. Aos estudos linguísticos e à dialectologia dedicou muito do seu esforço problematizador e, também, muito do seu ócio. «Tinha lido amostras do crioulo de Macau em Leite de Vasconcelos e outros, mas este já era diferente. Mais diferente ainda era a fala das pessoas de meia idade, como minha Sogra. Ficava literalmente com dores de cabeça para me concentrar a ouvi-la, com os adjetivos e determinantes antes do substantivo, os géneros e plurais caóticos (*Armando aquela camisa por aquela camisa do Armando*), etc., mas lá a ia percebendo sem dar parte fraca. Depois vinha a linguagem das crianças e jovens, outra dor de cabeça. Meu Sogro não, o seu português era perfeitamente normal, apenas com ligeiro sotaque; mas a mulher, o filho casado e a nora nada lucravam com a convivência, neste aspecto. Comecei então a recolher material para futuros estudos, pois vi que a informação que em Portugal havia sobre o dialecto de Macau estava quase com cem anos de atraso. E foram as tais primas velhotas, com espantosa compreensão do meu interesse, ou talvez porque me achavam, diziam elas, *muito agradada* (simpática), que se prestaram desde logo a pequenos inquéritos linguísticos, embora afirmassem que já não sabiam falar língua *língu makista*, suas mães e avós é que falavam. Contudo, tendo vivido sempre em Xangai, longe da evolução que já se processara em Macau, o seu macaísta era ainda muito típico (...)»²⁵. Surgiu deste modo um trabalho de investigação²⁶ de excepcional qualidade que começou a ser publicado a partir de 1971 na Revista Portuguesa de Filologia da Universidade de Coimbra, ao tempo dirigida pelo Professor Manuel de Paiva Boléo.

²⁴ *Dia S'tora!*, p. 153.

²⁵ em, *op. cit.*, pp. 134-135.

²⁶ *ossário do Dialecto Macaense. Notas Linguísticas, Etnográficas e Folclóricas*, Ed. Instituto Cultural de Macau, 2.^a edição, 1988, 338 pp.; *Suplento ao Glossário do Dialecto Macaense*, Ed. Instituto Cultural de Macau, 1988, 85 pp..

Como tudo na vida, não há bela sem senão: «Mas quanta inimizade esses trabalhos me grangearam! Que falasse sobre o dialecto antigo, já quase morto, com o qual tanto humorismo se tem feito na terra, muito bem; agora que pusesse, preto no branco, o falar actual do povo menos instruído, e sobretudo que dissesse das crianças e jovens a pura verdade, isto é, que pouco falam português, isso já não era estudo científico, isso era intento deliberado de *achincalhar* os macaenses. Contudo, como não desisti e os trabalhos obtiveram alguma aceitação *lá fora*, as pessoas acabaram por compreender-me e hoje sou, pois então, a *ilustre filóloga que tanto tem feito para o conhecimento de Macau...* Até para aqueles que mais me atacaram, em cartas e artigos nos jornais²⁷».

No mesmo contexto de preocupações compreensivas, a sobrevivência e o estatuto da língua portuguesa em Macau e no Oriente mereceram-lhe demorados estudos.

Em jeito de confiança²⁸, anotou no seu diário: «Como ninguém mais tem estudado o crioulo macaense nos tempos modernos e como o faço de modo cauteloso, cingindo-me aos meus limites, parece que os meus trabalhos, publicados na *Revista Portuguesa de Filologia*, têm sido bem aceites no estrangeiro. Em Portugal não sei, ninguém se pronuncia. Santos de casa... Aqui tenho, pois, uma carta do Hancock e dum outro Prof., Edgar C. Polomé, ambos da Universidade de Texas nos Estados Unidos, convidando-me para participar numa publicação que vão lan-çar, *Journal of Creole Studies*, como 'consulting editor' e membro do corpo editorial. (...) Antes disso já tinha recebido uma carta mais informal sobre o assunto, indicando outros convidados para 'consulting editor', alguns dos quais nomes consagrados que conheço de leituras ou correspondência: Keith Whinnom, Marius Walkhoff, a quem escrevi uma vez em inglês e me respondeu em perfeito português, John Reinecke, etc.. O meu é o único nome português, certamente porque muito poucos linguistas portugueses se dedicam ao estudo dos nossos crioulos, especialmente crioulos do Oriente».

Na realidade, o legado da História possibilitou a sobrevivência localizada da língua portuguesa nas mais desconstruídas áreas geo-políticas, de Goa, Damão e Diu até ao Japão, passando por Hong Kong, Malaca, Singapura, Indonésia ou China. Circunscrita a pequenas comunidades e

²⁷ *Bom Dia S'Tora!*, pp. 112-113.

²⁸ *Idem*, pp. 234-235.

seus descendentes a língua portuguesa, estruturalmente antiga e posteriormente dialectizada, teve a arte de sobreviver ao tempo porque se transformou numa língua de segurança que proporcionava uma política de sigilo e de elitismo a uma comunidade diferente em relação à homogeneidade do país de acolhimento. Aí reside, a nosso ver, a motivação profunda de tal longevidade. Graciete Batalha adiciona, ainda, o factor humano, as pessoas²⁹, «o que verificamos, e disso é justo que nos orgulhemos, é que, mesmo onde toda a presença material portuguesa cessou, a marca que deixamos no espírito dos povos com os quais convivemos, mesmo sem os colonizarmos, parece ter em si qualquer coisa de eterno. Ficou com eles algo difícil de definir, um apego, uma lembrança, um sentimento que poderá talvez ser traduzido pela palavra que para isso usou há tempo um português de Malaca. Ficou uma *saudadi...*».

Ficaram projectos por finalizar porque as solicitações eram bem superiores ao tempo humanamente disponível³⁰, «já nem quero falar do que eu desejaria escrever em Macau ou sobre Macau, sonhos sempre adiados por causa de trabalhos que os outros consideram mais urgentes. Agora, por exemplo, gostaria de me empenhar na organização duma antologia de literatura macaense, um antigo desejo meu trazido ao de cima por um pedido expresso do Governador. Mas os dias passam sem que possa dedicar-me a esse assunto. Vou lendo umas coisas que tenho à mão, tomando umas notas; para pesquisas nas bibliotecas, onde sei que há coisas de interesse, não tenho tempo. Não, não me vou deixar convencer. Logo que possa, tratarei de me libertar de Conselhos e Assembleias, deixando-os para quem possa e queira desempenhar esses cargos tão bem como eu, ou muito melhor». Na verdade essa antologia jamais passou da fase de projecto e, dada a sua evidente importância cultural, estranha-se que ninguém se tenha abalçado a concretizar essa antologia de literatura macaense que englobaria a componente portuguesa e a componente chinesa.

Na história da educação em Macau, a Professora Graciete Batalha ocupa, naturalmente, um lugar de destaque. A sua pedagogia do interesse activo e os seus trabalhos de investigação constituem uma referência incontornável para a compreensão da matriz portuguesa que, em

²⁹ O Futuro da Língua Portuguesa no Extremo Oriente, in, «Presença Portuguesa no Extremo Oriente», Instituto Cultural de Macau, 1986, p. 70.

³⁰ *Bom Dia, S'tora!*, p. 241.

Macau, coexiste há séculos com a matriz chinesa. Pelos seus escritos podemos, na actualidade, visitar a história da educação portuguesa em Macau, por vezes com uma espantosa minúcia e rigor factual, bem como a própria história do Território, cujos lances assomam aqui ou além, com o pitoresco de quem protagonizou ou presenciou alguns episódios.

A Escola Portuguesa de Macau, onde leccionam e trabalham colegas e antigos alunos de Graciete Batalha, devia chamar a si a responsabilidade de organizar uma Antologia da Obra da Professora Graciete Batalha, homenageando a investigadora e divulgando as áreas essenciais do seu labor científico.

ANEXO

Estão estes dois poemas separados por quase meio século.

No primeiro, *A Última Lição*, assiste-se a um diálogo entre a Neta (estudante finalista) e o Avô (Liceu), na melhor tradição das récitas escolares ; no segundo, *Onde Que Tu Vai, Macau?*, escrito no português antigo de Macau, é uma angustiada reflexão sobre o futuro. Balizam ambos o seu itinerário de vida académica, o seu modo de estar e de sentir, pelo que também constituem um aspecto a ter em conta no delineamento do seu pensamento.

Poema lido, na despedida do 7.º Ano do Liceu Infanta D. Maria, em Coimbra, no ano lectivo de 1942\1943

A Última Lição

*Quem não conhece um doutor
Já nos anos bem entrado,
Sempre de limos cercado,
E carrancudo, o senhor?
Tem uma neta que ensina
E lhe faz vida mofina,
Pois é travessa e garota
E o doutor disso não gosta.
Mas vem dar hoje a última lição
(E não sem uma certa comoção)
A neta vai seguir uma outra vida.

Atrasada, esbaforida,
Ei-la que entrou,*

*De cara levemente esborratada,
A fingir que não tem nada,
Risonha diz: «Muito bom dia, Avô!»
Que lindo dia Avôzinho,
Uma manhã tão dourada!
Podias hoje dar me um friadinho
Mas o doutor nem diz nada,
Entretido a procurar
Qualquer coisa que é urgente.*

*E eis que saca duma lente:
Ao rosto da neta a assesta,
E põe-se a pesquisar atentamente
Ponto por ponto, desde o queixo à testa.
E diz por fim, com assombrado tom:
Aqui há pós de «rouge» e traço de «Baton»!
Não cuides enganar-me nem um dia!
E logo a rapariga, atrapalhada,
Lompou, de lenço em punho, a frontana,
Tão cuidadosamente retocada.
Mas no fim da limpeza, parecia
Obcéus! Morta, ou melhor, desenterrada!*

*Ora bem, minha menina!
Vamos lá a trabalhar.
Mas dize-me: dignaste-te estudar?
Murmura a neta à parte: Ai vida minha!
Eu... eu.. a bem dizer...
Já sei, um filmezinho p'a ver,
Um vestidinho novo p'ra estrear,
E disseste também que qu'rias tomar ar!
Mas, Avôzinho, quem te foi contar?
Eu já sabia que o Avô tem mil olhos, mil ouvidos,
Mas assim pormenores tão bem sabidos...
E quem te disse a ti
Que eu fui a um museu?*

*Eu...
Na Baixa, vi-o...*

*E então?
Fiz uma dedução:
Pelo cheiro ao bafio...
Menina! diz o Avô com azedume
Melhor te fora
Cheirar mais ao bafio e menos ao perfume!
Mas que velho rabugento!
Exclama a neta para um lado,
Muito pouco reverente.
Que garota impertinente!
Diz o doutor saturado.
Tu não tens tineta alguma
Não estudas coisa nenhuma
E no exame queres passar?!
Pois digo-te mesmo a ti:
Eu corto o meu pescoço por aqui
Se tu não vais chumbar!
Por cima verifico 'inda o seguinte:
Fazes aqui as vezes só de ouvinte,
Estás sempre noutras coisas a pensar
E se o teu sonho vou interromper,
Não és nunca capaz de responder,
Sabendo tu que o Avôzinho gosta
De ouvir: Pergunta, Resposta!
Pergunta, resposta!
E agora que de vez me vais deixar
Vou-te conselhos dar para o futuro.
Inda bem que amanhã já não o aturo
Murmura a rapariga,
A fingir de desprendida.
Vais ascender a novos ideais,
Subir cada vez mais...
Mas, repentinamente,
Tocou para a saída.
Avô e neta vão dizer-se adeus
Por toda a vida.
Porém, subitamente,*

*A neta começou a soluçar.
Choras? Eu...
Com pena de ti choro, Avo Liceu!*

*E um abraço os prendeu, de todo o coração,
A sorrir e a chorar de pura comoção!
E séria, uma vez na vida,
Ao Avo diz a neta, comovida:*

*A despeito de tudo, em meu olhar
Há uma névoa triste de saudade,
E uma pequena chama de ansiedade
No fundo da minha alma a cintilar...*

*O que terá a vida para me dar?
Dias de sol, esplendores de Primavera
Com perfumes de flor, aromas de quimera,
Ou dias tristes, noites sem luar?...*

*Não poderei seguir o meu caminho,
Sem te deixar aqui um pouquinho
De tanto sonhar meu, tanta ilusão...*

*Não te lembres das minhas diabruras
Que eu esquecerei passadas amarguras
P'ra só levar saudade e gratidão!*

Poema lido no dia 24 de Maio de 1986, por ocasião de uma festa de homenagem organizada pelos Professores do Liceu de Macau, evocativa da sua vida e obra e, também, do fim da sua carreira docente.

Onde Que Tu Vai, Macau?

*Onde que tu vai, Macau?
Qui de amanhã ocê tê?
Já nã é de Portugau
Nã é de China també...*

*Ou-Mun, sim, é de China,
Macau foi de português.
Mas agora, tera minha,
Onde que vou por meus pés?*

*Filho di Macau largado,
Órfão de mãe viva, assim...
Meu povo chora calado,
Que nã sabe ele-sa fim...*

*Filho di Macau largado...
Qui de amanhã para mim?*

NOTA BIOBIBLIOGRÁFICA

Graciete Agostinho Nogueira nasceu na cidade de Leiria, a 30 de Janeiro de 1925, sendo filha de Maria Guilhermina Nogueira e de José Nogueira Júnior.

Efectuou os estudos liceais em Leiria (Liceu de Rodrigues Lobo) e em Coimbra (Liceu Infanta D. Maria), frequentando de seguida a Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, licenciando-se em Filologia Clássica em 1949. Neste mesmo ano consorcia-se com um jovem macaense, José Marcos Batalha, médico recém-formado, rumando os dois a Macau. Adopta, doravante, o apelido do marido.

Em Macau, foi Professora na Escola Primária Oficial, por não haver vaga no seu grupo de docência no Liceu, desde 1949 até 1957. Na Universidade de Hongkong leccionou a disciplina de Língua Portuguesa, em 1958--1959. No Liceu Nacional Infante D. Henrique fez a maioria do seu trajecto docente, aí terminando a sua carreira no dia 15 de Julho de 1985, tendo igualmente leccionado na Escola do Magistério Primário da qual foi directora entre 1967 a 1969.

Professora e pedagoga, conferencista, linguista, ensaísta e publicista, Graciete Batalha é uma das personalidades portuguesas mais marcantes no panorama da cultura contemporânea de Macau.

Foi membro do Conselho Legislativo de Macau, da Assembleia Legislativa de Macau e do Conselho Consultivo do Governador de Macau.

Agraciada com o grau de Oficial da Ordem do Império (1973) e com a Medalha de Mérito Cultural (1984). Recebeu o Prémio Camilo Pessanha em 1991, atribuído pelo Instituto Português do Oriente. Foi membro da Sociedade de Geografia de Lisboa.

Faleceu em 1992.

Deixou abundante colaboração assinada em publicações de Macau (*Notícias de Macau; O Clarim; Revista Mosaico; Boletim do Instituto Luís de Camões; Comércio de Macau; Revista da Educação; Revista de Cultura; Con-*

fluência; *Revista Macau; Jornal de Macau; Boletim Eclesiástico da Diocese de Macau*) e de Portugal (*Biblos; Revista Portuguesa de Filologia; Diário de Notícias; Diário Popular; O Mensageiro*). Prefaciou e promoveu a edição de obras várias. Interveio em diversos programas radiofónicos e televisivos. Organizou e animou inúmeras actividades escolares: récitas, concursos, representações teatrais, entre outras.

A sua obra é extensa (existem escritos inéditos que mereceriam ser reunidos em volume) e por ela se verifica que a investigação acompanhou a sua vida de Professora e de Cidadã:

- Relembrando Velhas Trovas Medievais (1950)*
- Homenagem a Teixeira de Pascoaes (1951)*
- Aspectos do Vocabulário Macaense (1953)*
- Aspectos da Sintaxe Macaense (1953)*
- As Inspiradoras da Lírica Camoniana à Luz da Crítica Moderna (1954)*
- A Mulher na Obra de Júlio Dinis (1956)*
- Para uma Interpretação do Topónimo Macau (1958)*
- Língua de Macau: O que Foi e o que E (1958)*
- Estado Actual do Dialecto Macaense (1959)*
- A Escritora Han Suyin e o Euroasiático Intelectual (1961)*
- Coincidência com o Dialecto de Macau em Dialectos Espanhóis das Ilhas Filipinas (1961)*
- Instantâneos do Japão (1963)*
- A Contribuição Malaia para o Dialecto Macaense (1965)*
- Aspectos do Folclore de Macau (1968)*
- A Instrução Literária, e a Experiência Humana em Gil Vicente (1969)*
- Camões Satírico (1972)*
- Glossário do Dialecto Macaense (1977)*
- Instantâneos de Manila (1978)*
- Presença Actual de Camões em Goa (1980)*
- O Inquérito Linguístico Boéo em Malaca: O Chão de Padre e seus Moradores Portugueses (1981)*
- Língua e Cultura Portuguesa em Goa: estado actual (1982)*
- Situação e Perspectivas do Português e dos Crioulos de Origem Portuguesa na Ásia Oriental: Macau, Hong Kong, Malaca, Singapura, Indonésia (1985)*
- Malaca: O Chão de Padre e seus Moradores Portugueses (1986)*
- Sabedoria dos Jovens (1986)*

Encontro com a Poesia de Camilo Pessanha (1986)
O Futuro da Língua Portuguesa no Extremo Oriente (1986)
Este Nome de Macau (1987)
Poesia Tradicional de Macau (1987)
Suplemento ao Glossário do Dialecto Macaense (1988)
Presença Portuguesa no 'Mandó' de Goa (1988)
Bom Dia S'tora! Diário de uma Professora em Macau (1991)
A Viragem do Século e o Escritor de Macau (1991)
Culinária Macaense: Um Retorno às Origens (1992)

Alguns destes estudos encontram-se vertidos nas línguas inglesa e chinesa.

Sobre a sua obra existe um catálogo bibliográfico, «Graciete Batalha», pouco rigoroso nos dados factuais e bibliográficos, editado pelo Instituto Cultural de Macau, em 1995.

Referências abundantes à sua actividade como Professora encontram-se na obra *Memórias e Testemunhos*, organizada por Fernando Costa Andrade e editada pela Direcção dos Serviços de Educação e Juventude, Macau, 1999.